

Foto: Acervo do Programa de Formação Continuada em Educação, Saúde e Cultura Populares



Cartão de divulgação da agenda do Programa de Formação Continuada em Educação, Saúde e Cultura Populares/2007

A pesquisa participante: um momento da educação popular¹

Carlos Rodrigues Brandão², Maristela Correa Borges³

Resumo

Diferentes experiências de Pesquisa Participante se originam dentro de diversas unidades de ação social que atuam preferencialmente junto a grupos ou comunidades populares. Geralmente, elas são postas em prática dentro de movimentos sociais populares ou se reconhecem estando a serviço de tais movimentos. Entre as suas diferentes alternativas, elas alinham-se em projetos de envolvimento com ações sociais de vocação popular. Seu ponto de origem deve estar situado em uma perspectiva da realidade social, tomada como uma totalidade em sua estrutura e em sua dinâmica. Ela deve ser pensada como um momento dinâmico de um processo de ação social comunitária. O compromisso social, político e ideológico do(a) investigador(a) é com a comunidade, com as suas causas sociais. Na maior parte dos casos, a pesquisa participante é um momento de trabalhos de educação popular realizados junto com e a serviço de comunidades, grupos e movimentos sociais, em geral, populares. Na pesquisa participante, sempre importa co-nhecer para formar pessoas motivadas a transformarem os cenários sociais de suas próprias vidas e destinos. As abordagens de pesquisa participativa aspiram a participar de processos mais amplos e contínuos de construção progressiva de um saber mais partilhado, mais abrangente e mais sensível às origens do conhecimento popular.

Palavras-chave

Pesquisa participante. Educação popular. Movimentos sociais. Conhecimento.

1. Este texto é uma atualização de dois outros. O objetivo desta é tornar mais acessíveis a educadoras e educadores, para quem a pesquisa participante é um instrumento importante de trabalho, algumas idéias e propostas possivelmente úteis e atuais. Quem queira ler os documentos originais, deverá recorrer a: Pesquisa participante: o saber da partilha; A pergunta a várias mãos - a experiência da pesquisa no trabalho do educador.

2. Professor do Doutorado em Ambiente e Sociedade da Universidade Estadual de Campinas. Professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. Pesquisador visitante da Universidade Estadual de Montes Claros. E-mail: brandao08@ig.com.br

3. Educadora da rede pública estadual de Uberlândia. Geógrafa pela Universidade Federal de Uberlândia e participante de Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica. E-mail: maristela_correa@yahoo.com.br

The participant research: a moment for popular education*

Carlos Rodrigues Brandão**, Maristela Correa Borges***

Abstract

Different experiences of Participant Research come from many units of social action that work together with popular groups or communities. Usually they are either used in popular social movements, or seen as a service for such activities. Among its different alternatives, they are arranged with projects that involve social actions of popular vocation. Its origin should be situated in a social reality perspective, taken as totality in its structure and its dynamics. It must be thought as a dynamic moment of a communitarian social action process. The researcher's social, political and ideological commitment is with the community, and its social causes. In most cases, the Participant Research is a moment for popular education, developed with and to serve the communities, social groups and mobilizations, mostly, popular. In the Participant Research knowledge is always important to train motivated people to transform the social scenes of their own lives and destinies. The Participant Research approaches try to participate in wider and continuous gradual construction process or a more collective, broadening and sensible understanding of the popular knowledge origins.

Key words

Participant research. Popular education. Social activities. Knowledge.

* This text is a recreation of two other ones. The aim of this updating is to make more approachable to educators, to whom the "participant research" is an important instrument of work, some ideas and proposals possibly useful and modern. Those who wish to read the original documents should go to the following books: *Pesquisa participante: o saber da partilha*; *A pergunta a várias mãos - a experiência da pesquisa no trabalho do educador*.

** Professor at the Doctor's degree in Environment and Society at Universidade Estadual de Campinas. Collaborator professor of the Post Graduation Program in Geography at Universidade Federal de Uberlândia. Visitor researcher at Universidade Estadual de Montes Claros. Email: brandao08@ig.com.br

*** Educator from the state school network in Uberlândia. Geographer by Universidade Federal de Uberlândia and participant at the Base Ecclesiastics Communities of the Catholic Church. Email: maristela_correa@yahoo.com.br

De ontem para agora

O modelo de investigação social de que trata este pequeno estudo tem recebido diversos nomes: “pesquisa participante”, “auto-diagnóstico”, “pesquisa ação”, “pesquisa participativa”, “investigação ação participativa”. Em termos de Brasil e de América Latina, alguns pontos em comum podem ser estabelecidos:

1. Diferentes experiências do que chamaremos aqui de *Pesquisa Participante* surgem entre as décadas dos anos 60 e 80 em alguns lugares da América Latina. Mas, em pouco tempo, elas se difundem por todo o continente.
2. Elas se originam dentro de diversas *unidades de ação social* que atuam preferencialmente junto a grupos ou comunidades populares. Em sua maioria, elas serão postas em prática dentro de *movimentos sociais populares* emergentes ou se reconhecerão estando a serviço de tais *movimentos*.
3. Elas se originam e re-elaboram diferentes fundamentos teóricos e diversos estilos de construção de modelos de conhecimento social através da pesquisa científica. Não existe na realidade um modelo único ou uma metodologia científica própria a todas as abordagens da *pesquisa participante*.
4. Entre as suas diferentes alternativas, de modo geral, as pesquisas participantes alinham-se em projetos de envolvimento e mútuo compromisso de *ações sociais de vocação popular*. Assim, geralmente, elas colocam face-a-face pessoas e agências sociais “eruditas” (como um sociólogo, um educador de carreira ou uma ong de direitos humanos) e “populares” (como um indígena tarasco, um operário sindicalizado argentino, um camponês semi-alfabetizado do Centro-Oeste do Brasil

ou o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra). De modo geral, elas partem e diferentes possibilidades de relacionamentos entre os dois pólos de atores sociais envolvidos, interativos e participantes.

5. Em suas diferentes vocações, as *pesquisas participantes* atribuem aos agentes populares diferentes posições na gestão de esferas de poder ao longo do processo da pesquisa, assim como na gestão dos processos de ação social dentro da qual a *pesquisa participante* tende a ser concebida como um instrumento, um método de ação científica ou um momento de um trabalho popular de dimensão pedagógica e política, quase sempre mais amplo e de maior continuidade do que a própria pesquisa.

6. De modo geral, as diferentes alternativas da *pesquisa participante* surgem em intervalos entre a contribuição teórica e metodológica vinda da Europa e dos Estados Unidos da América do Norte e a criação ou recriação original de sistemas africanos, asiáticos e latino-americanos de pensamentos e de práticas sociais. Não é raro que uma abordagem que se auto-identifica como “dialética” empregue, na prática, procedimentos formais e quantitativos próprios a abordagens metodológicas de cunho neopositivista.

Seria proveitoso fazermos aqui uma síntese de alguns princípios operativos que foram mais ou menos comuns e que fundamentaram as experiências originais da *pesquisa participante* no Brasil e em praticamente toda a América Latina. Mesmo que eles possam parecer, aos olhos de hoje, radicais e, por isso mesmo, ultrapassados, devemos levar em conta a sua relativa atualidade, sobretudo nas experiências que preservam vínculos entre a *pesquisa participante* e os *movimentos sociais*.

Alguns fundamentos e alguns princípios convergentes e atuais

Tomemos como base as idéias de dois educadores mexicanos, Luis Gabarron e Libertad Landa em seu livro *Investigación Participativa* (1994), infelizmente nunca traduzido para o Português⁴. Lembramos que essa listagem de “princípios de ação” vale com maior fidelidade para as idéias e as propostas de *pesquisa participante*, que defendiam ou seguem defendendo uma aliança direta de enlace entre nós e os movimentos populares. É bem evidente que esses princípios da ação social através da investigação científica não correspondem a todas as alternativas dos tempos de origem da *pesquisa participante* entre nós. Ampliamos a forma como no texto original cada um dos “princípios” é apresentado, buscando tornar mais atuais as palavras originais nas quais estamos nos baseando. A seguir, comentamos alguns deles:

- O ponto de origem da *pesquisa participante* deve estar situado em uma perspectiva da realidade social, tomada como uma totalidade em sua estrutura e em sua dinâmica. Mesmo que a ação de pesquisa e as ações sociais associadas a ela sejam bem locais e bem parciais, incidindo sobre apenas um aspecto de toda uma *vida social*, nunca se deve perder de vista as integrações e interações que compõem o todo das estruturas e das dinâmicas desta mesma *vida social*.
- Deve-se partir da realidade concreta da vida cotidiana dos próprios participantes individuais e coletivos do processo, em suas diferentes dimensões e interações - a vida real, as experiências reais, as interpretações dadas a estas vidas e experiências tais como são vividas e pensadas pelas pessoas com quem inter-atuamos.

4. Seguimos, alterando em alguns casos a ordem original, as idéias de Luis Gabarrón e Libertad Hernández Landa em *Investigación Participativa* (1994). Raras vezes foi possível encontrar uma síntese tão oportuna como essa, em sua íntegra e com os comentários dos autores, ela pode ser encontrada entre as páginas 28 e 44. Embora o livro completo não tenha sido publicado em Português, uma síntese bastante oportuna dele saiu como um dos capítulos do livro *Pesquisa Participante – a partilha do saber*, indicado em nota anterior.

• Os processos, as estruturas, as organizações e os diferentes sujeitos sociais devem ser contextualizados em sua dimensão histórica, pois são momentos da vida, vividos no fluxo de uma história; e é a integração orgânica dos acontecimentos de tal dimensão que, em boa medida, explica as dimensões e interações do que chamamos uma realidade social.

• A relação tradicional de *sujeito-objeto*, entre investigador-educador e os grupos populares deve ser progressivamente convertida em uma relação do tipo *sujeito-sujeito*, a partir do suposto de que todas as pessoas e todas as culturas são fontes originais de saber. É através do exercício de uma pesquisa e da interação entre os diferentes conhecimentos que uma forma partilhável de *compreensão da realidade social* pode ser construída. O conhecimento científico e o popular articulam-se criticamente em um terceiro conhecimento novo e transformador.

• Deve-se partir sempre da busca de *unidade entre a teoria e a prática*, e construir e re-construir a teoria a partir de uma seqüência de práticas refletidas criticamente. A *pesquisa participante* deve ser pensada como um momento dinâmico de um processo de *ação social comunitária*. Ela se insere no fluxo desta ação e deve ser exercida como algo integrado e, também, dinâmico.

• As questões e os desafios surgidos ao longo de ações sociais definem a necessidade e o estilo de procedimentos de *pesquisa participante*. O processo e os resultados de uma pesquisa interferem nas *práticas sociais*, e, de novo, o seu curso levanta a necessidade e o momento da realização de novas investigações participativas.

• A *participação popular comunitária* deve se dar, preferencialmente, através de todo o *processo de investigação-educação-ação*. De uma maneira crescente, de uma para outra experiência, as equipes responsáveis pela realização de pesquisas participativas devem incorporar e integrar agentes assessores e agentes populares.

• O ideal será que em momentos posteriores exista uma participação culturalmente diferenciada, mas social e politicamente equivalente e igualada, mesmo que entre pessoas e grupos provenientes de tradições diferentes quanto aos conteúdos e aos processos de criação social de conhecimentos.

• O compromisso social, político e ideológico do/da investigador(a) é com a comunidade, é com pessoas e grupos humanos populares, com as suas causas sociais. Mesmo em uma investigação ligada a um trabalho setorial e provisório, o propósito de uma ação social de vocação popular é a autonomia de seus sujeitos na gestão do conhecimento e das ações sociais dele derivadas. É, também, a progressiva integração de dimensões de conhecimento parcelar da vida social, em planos mais dialeticamente interligados e inter-dependentes.

• Deve-se reconhecer e deve-se aprender a lidar com o caráter político e ideológico de toda e qualquer atividade científica e pedagógica. A pesquisa participante deve ser praticada como um ato de compromisso de presença e de participação claro e assumido.

• Não existe neutralidade científica em pesquisa alguma e, menos ainda, em investigações vinculadas a projetos de ação social. No entanto, realizar um trabalho de partilha na produção social de conhecimentos não significa o direito a pré-ideologizar partidariamente os pressupostos da investigação e a aplicação de

seus resultados.

• Na maior parte dos casos, a pesquisa participante é um momento de trabalhos de educação popular realizados junto com e a serviço de comunidades, grupos e movimentos sociais, em geral, populares. É do constante diálogo não doutrinário de parte a parte que um consenso sempre dinâmico e modificável deve ir sendo também construído. Uma verdadeira *pesquisa participante* cria solidariamente, mas nunca impõe partidariamente conhecimentos e valores.

• A investigação, a educação e a ação social convertem-se em momentos metodológicos de um único processo dirigido à *transformação social*. Mesmo quando a pesquisa sirva a uma ação social local, e limitada como foco sobre uma questão específica da vida social, é o seu todo o que está em questão.

• E é a possibilidade de transformação de saberes, de sensibilidades e de motivações populares em nome da transformação da sociedade desigual, excludente e regida por princípios e valores do mercado de bens e de capitais, em nome da humanização da vida social, que os conhecimentos de uma pesquisa participante devem ser produzidos, lidos e integrados como uma forma alternativa emancipatória de saber popular.

As alternativas de *pesquisa participante* da tradição brasileira e latino-americana sonharam inovar. As abordagens conhecidas e praticadas como ações sociais com base em conhecimentos científicos, através do aporte de novas alternativas de trabalho junto a grupos e a comunidades populares, observam hoje em dia uma grande variedade de alternativas. De modo geral, os seus ganhos teóricos e ideológicos foram e seguem sendo maiores do que as suas realizações práticas.

Dos anos 60 e 70 até os dias de hoje, as suas diversas alternativas pretendiam re-criar os

termos da crítica científica e política às relações tradicionais entre o conhecimento produzido através de pesquisas científicas e as ações sociais associadas a elas ou delas derivadas. Elas aspiravam e seguem aspirando a diferentes dimensões de *transformações de ações sociais de vocação comunitária e popular*, a partir de uma elaboração sistemática de conhecimentos, de saberes e de valores construídos solidariamente, gerados através de pesquisas sociais colocadas a serviço de experiências co-participadas de criação coletiva de saberes, a partir do enlace entre profissionais e/ou militantes agenciados e as pessoas, grupos e comunidades populares.

Esse é também o duplo sentido da idéia de totalidade nas propostas originais das *pesquisas participantes*. Em um primeiro momento, elas aspiram ser algo historicamente próximo às novas idéias holísticas e transdisciplinares dos “novos paradigmas” (Edgar Morin, Boaventura de Souza Santos e tantos outros) e seus preceitos de totalizações complexas. Os fundamentos originais são direta ou indiretamente marxistas e, em vários documentos, as *pesquisas participantes* aparecem como uma “abordagem dialética”⁵. Hoje esta postura mais centralizadora tem sido bastante revisitada. Surgem novas idéias e novas alternativas de interação entre antigos e novos “paradigmas” que obrigam a diálogos inevitáveis e fecundos. A contribuição de um sociólogo como Boaventura de Souza Santos é, neste contexto, muito relevante. Uma das principais características das *alternativas participativas* é a sua diferenciação. Não reconhecemos hoje em dia uma tendência única ou dominante. Uma única teoria, um único método de trabalho e nem mesmo um único horizonte de ação social.

Assim, a idéia de uma *compreensão totalizante da realidade social* tem relação com a

integração de todos os conhecimentos parciais em estruturas dinâmicas e integradas de fatores e de processos sociais, de tal modo que qualquer que seja o “foco do conhecimento” no ponto de origem (uma pesquisa relativa a condições locais de saúde, por exemplo), a pesquisa deverá envolver, sempre que possível, as interações entre os diferentes planos e domínios de estruturas e processos inter-determinantes da sociedade.

Uma atenção especial deve ser sempre dada à dinâmica das relações e dos processos envolvidos na investigação, pois uma dimensão histórica está sempre e inevitavelmente presente.

Uma dinâmica da história é importante na reconstrução do passado próximo, ela o é, mais ainda, no olhar entre o presente e o futuro. Pois, aqui, não se trata de conhecer para “promover” ou para “desenvolver” algo, mas para transformar o todo em que este “algo” existe como está, e, assim, deve ser transformado junto com o todo social de que é parte. Na *pesquisa participante* sempre importa conhecer para formar pessoas populares motivadas a transformar os cenários sociais de suas próprias vidas e destinos, e não apenas para resolverem alguns problemas locais restritos e isolados, ainda que o propósito mais imediato da ação social associada à pesquisa participante seja local e específico. A idéia de que somente se conhece o que se transforma é inúmeras vezes evocada até hoje.

A este princípio de totalização associa-se a idéia de que, como integrantes de momentos da *educação popular* e de toda a desejada dinâmica dos *movimentos populares*, a *pesquisa participante* integra quatro propósitos:

- Em suas variedades e variações, as abordagens participativas respondem de maneira direta às finalidades práticas e sociais a que

5. Um dos autores mais originais nesta direção é Oscar Jara. Um de seus últimos trabalhos aborda a sistematização de experiências participativas na educação popular. A leitura de trabalhos sobre a sistematização de ações sociais populares resulta muito oportuna, porque ela representa, a seu modo, uma atualização, para os anos 80, 90 e seguintes, das propostas originais de estilos participativos na América Latina. Entre os livros anteriores, ver: *Conocer la realidad para transformala* (1991); *Investigación participativa – una dimensión integrante de la educación popular* (1990). Em português pode ser lido o seu livro: *Para sistematizar experiências* (1996).

se destinam, como um meio de conhecimento de questões sociais a serem participativamente trabalhadas.

- Elas pretendem ser instrumentos pedagógicos e dialógicos de aprendizado partilhado; possuem organicamente uma vocação educativa e, como tal, politicamente formadora.
- *As abordagens de pesquisa de vocação participativa* aspiram participar de processos mais amplos e contínuos de construção progressiva de um saber mais partilhado, mais abrangente e mais sensível às origens populares do conhecimento popular.
- Em boa parte das experiências, *as alternativas participativas* se reconhecem vinculadas de algum modo com a *educação popular*. Através dela, elas se identificam como um serviço ao empoderamento dos *movimentos populares* e de seus integrantes.
- Nestas e em outras opções, *as alternativas participativas através da pesquisa* abrem-se de maneira múltipla e fecunda a outros campos de ação social. Um deles, e um dos mais enfatizados hoje em dia, é o das pesquisas e ações ambientalistas. De fato, o campo da ações ambientais é onde, com mais criatividade, se multiplicam experiências de investigações participativas associadas a alguma forma de ação comunitária.

Algumas idéias para atualizar propostas de pesquisa participante no trabalho junto a unidades de ação social popular

A pesquisa serve à criação do saber, e o saber serve à interação entre saberes. A interação dialógica entre campos, planos e sistemas do conhecimento serve ao adensamento e ao alargamento da compreensão de pessoas humanas a respeito do que importa: nós-mesmos; os círculos de vida social e de cultura que nos enlaçam de maneira inevitável; a vida que compartilhamos uns com os outros; o mundo e os infinitos círculos de realização do Cosmos de que

nós, os seres humanos, somos parte e partilha. Todo o conhecimento competente não vocacionado ao diálogo entre saberes e entre diferentes criadores de saberes – inclusive os situados fora do campo das ciências acadêmicas e dos saberes auto-proclamados como cultos e/ou eruditos – não tem mais valor do que o de sua própria solidão.

É no intervalo da comunicação entre os defensores dos modelos de objetivação da ciência (os herdeiros da tradição epistemológica da “física social” entre os cientistas da pessoa e da sociedade) e os defensores dos modelos de subjetividade do cientista (os herdeiros da tradição epistemológica das ciências do espírito, para quem o fundamento da sociedade é a ação humana e o fundamento da ação humana é a sua subjetividade) que a pesquisa científica e o cientista devem lutar.

Devem lutar por preservar critério de rigor, de objetividade e de honesta competência em seu trabalho, qualquer que seja o seu campo de realização e, mais ainda, de integração com outros campos de ciências e de interação com outros domínios de criação de conhecimento-valor. Isto não deve ser contraposto ao crescendo da evidência de que tão una, totalizante, múltipla, complexa, diferenciada, previsível, incerta e conectiva quanto é qualquer plano do que chamamos (própria ou impropriamente) de “realidade”, são as diferentes alternativas de percebê-la, de investigá-la, de criar teorias de interpretação sobre ela e de buscar compreensões integrativas entre seus vários eixos de conexão.

Qualquer teoria científica é uma interpretação entre outras e vale pelo seu teor de diálogo, não pelo seu acúmulo de certezas. Todo o modelo de ciência fechado em si mesmo é uma experiência de pensamento fundamentalista, como o de qualquer religião ou qualquer outro sistema de sentido fanático.

O fosso de desigualdades e de uso de maus espelhos entre as ciências “naturais” e as “sociais” deve tender a ser um intervalo aberto e francamente dialógico entre umas e outras.

A prática do ambientalismo e as convergências de conhecimentos nas “novas ecologias” (da mais “científica” à “profunda”, à “da mente”) bem podem ser um caminho a seguir. Podemos acreditar que, ao contrário do que vimos acontecer ao longo dos últimos séculos, o modelo das ciências sociais não é a boa prática das naturais. As ciências da natureza aprendem a relativizar (matemática inclusive), a pluralizar compreensões, a subjetivar métodos e a descobrir e compreender através do diálogo entre leituras, e não através de monólogos de certezas. Tomam, portanto, um como modelo de teoria e prática, a atualidade dos dilemas das ciências humanas. Isto não significa uma inversão de domínio, pois o sentido de domínio deve deixar de existir aqui. Significa que de um lado e do outro - até não existirem mais lados, como margens que separam - o avanço da compreensão está relacionado a um progressivo e irreversível abandono das variantes do positivismo científico e lógico, da redução da compreensão à experimentação e da experimentação à manipulação de sujeitos sobre objetos.

O caminhar direcionado à construção lenta, diferenciada e progressiva de uma transdisciplinaridade em nada significa o sonho (um pesadelo, na verdade) de uma ciência única, pan-unificadora. Não converge sequer para a criação de uma pan-teoria geral do saber, mas, ao contrário, se abre ao que de maneira afortunada Boaventura de Souza Santos chamou de “um conjunto de galerias temáticas onde convergem linhas d’água que até agora concebemos como objetos estanques”. Esta convergência, lembremos uma vez mais, retoma o valor e o sentido das diferentes outras alternativas culturais de construção de saber e de criação de sentido e valor, incluídas aí as diferentes tradições populares.

A finalidade do conhecimento é também a de produzir respostas às necessidades humanas. Podemos mesmo lembrar a idéia de Bertold

Brecht, partilhada por tantas outras pessoas: a finalidade da ciência é aliviar a miséria da condição humana. Mas isto não significa que a ciência deva ser originalmente utilitária. Se existe uma utilidade fundamental, nas ciências, ela está na criação e na ampliação da compreensão humana a respeito das integrações entre os mistérios da própria pessoa, do mundo em que ela vive, da vida em que ela e os outros seres da vida se realizam e das múltiplas totalizações diferenciadas em que tudo isto existe e a que converge.

Mas essa abertura do valor-ciência à compreensão totalizadora, à decifração maravilhada de mistério, à descoberta incessante de novos e mais desafiadores mistérios a serem decifrados, ao aporte infinito de saberes-valores, a todas as aventuras do diálogo entre pessoas e entre grupos de pessoas, povos e culturas, não deve ocultar o fato de que hoje, mais do que nunca, a sobrevivência e a felicidade cotidiana de pessoas, de grupos humanos, de povos e de nações, de toda a humanidade, no limite, têm exigências urgentes formuladas aos saberes da ciência.

Em um momento da história da trajetória humana em que a metade dos insumos empregados na indústria da morte e da guerra poderia salvar a vida de milhões de pessoas, poderia trazer um fundamento material do direito à felicidade para milhões de pessoas e ser destinado a frear de fato o processo de destruição ambiental do planeta Terra e a regenerar áreas imensas já degradadas em todos os continentes. É tempo de voltarmos às perguntas de Rousseau lembradas por Boaventura de Souza Santos no começo do livro que nos tem acompanhado aqui:

Há alguma relação entre a ciência e a virtude? Há alguma razão de peso para substituímos o conhecimento vulgar que temos da natureza e da vida e que partilhamos com os homens e mulheres de nossa sociedade pelo conhecimento

6. Op. Cit, p.7. Lembramos que Boaventura recorda que Rousseau responde com um “não” às perguntas que ele mesmo formula.

científico produzido por poucos e inacessível à maioria? Contribuirá a ciência para diminuir o fosso crescente na nossa sociedade entre o que se é e o que se aparenta ser, por saber dizer e o saber fazer, entre a teoria e a prática? (SANTOS, B, 2001).⁶

Todo pensamento que imagina saber algo e que enuncia e diz o que alguém pensa, de algum modo, a outras pessoas, a outros pensadores-interlocutores, fala sempre desde e para um lugar social. Então, assim como outras práticas sociais, a ciência e a educação que sonhamos praticar, e, através das quais aspiramos descobrir e ampliar ad infinitum sujeitos e campos sociais de um diálogo criador e emancipatório, devem falar de comunidades humanas concretas e cotidianas. E elas devem se dirigir a comunidades humanas de pessoas e grupos criadores da vida de todos os dias e da história que esta vida múltipla entretece e escreve.

A escolha dominante e crescentemente dominadora do saber que se cria segundo os interesses do mercado de bens e de serviços, e que fala em seu nome, com o fito de subordinar os outros campos de realização da vida e da criação da história, é constituída como um plano de conhecimento e de utilização do conhecimento oposto aos nossos desejos de diálogo entre pessoas livres e autônomas. Bem sabemos que a produção de conhecimentos subordinada aos interesses do “mundo dos negócios” situa-se à margem do campo de interações e diálogos do “lado da vida”, de que fala Walter Benjamim. Ela representa uma vocação regida por interesses utilitários sobre o pensamento, sobre a ciência e sobre a educação.

Em algum lugar de A questão do método (não temos conosco o original e lembramos de memória), falando sobre o que é essencial na própria construção da vida humana, Jean-Paul Sartre lembra que:

O essencial não é o que foi feito do homem, mas o que ele faz daquilo que

fizeram dele. O que foi feito dele são as estruturas, os conjuntos significantes estudados pelas ciências humanas. O que ele faz é a sua própria história, a superação real destas estruturas numa práxis totalizadora.

Lembremos que em Paulo Freire sempre foi cara a idéia de *práxis*. Se a recordamos bem, tal como escrita tantas vezes por ele, *práxis*: um pensar dialógico e crítico a respeito de uma realidade que uma ação reflexiva - ela própria o pensamento tornado atividade coletiva e subversivamente conseqüente - trata de transformar como e através de um processo inacabado e sempre actancial e reflexivamente aperfeiçoável ao longo da história humana. E a própria história deve tender a ser *práxis*, pois cria e transforma.

Também em Boaventura de Souza Santos, o momento da superação da dicotomia, da hierarquia forçada entre conhecimento científico (o dos outros sobre nós) e o conhecimento vulgar (o nosso sobre os outros), deverá desaguar em realizações - “a prática será o fazer e o dizer da filosofia da prática”⁷. Para além da realização dos planos intelectuais de um sujeito de conhecimento - um filósofo, um cientista, um investigador - e para além da utilização dos benefícios estendíveis a quem foi antes um objeto de conhecimento através de uma pesquisa, todo o trabalho conseqüente de investigação deve objetivar ser um passo a mais no caminho da realização humana. Deve ser alguma forma de compreensão mais alargada, mais profunda a respeito de algo não conhecido, imperfeitamente conhecido ou passível de, através de uma outra fração de conhecimento confiável e dialogável, ser incorporado a um “todo de compreensão” mais fecundo. Mais fecundo como conhecimento integrado “a respeito de” e também como possibilidade de realização do conhecimento como um projeto de transformação de algo em alguma coisa melhor. Todo o bom saber transforma o que há no que pode haver.

7. Boaventura de Souza Santos, op. cit., p. 10.

Todo o conhecimento de qualquer ciência vocacionada ao alargamento do diálogo e à criação de estruturas sociais e de processos interativos, econômicos, políticos, científicos, tecnológicos ou o que seja, sempre mais humanizadores, integra antes, de algum modo, sujeitos e objetos em um projeto de mudança em direção ao bem, ao belo e ao verdadeiro.

Gaston Bachelard poderia não estar pensando o mesmo que escrevemos acima. Mas foi também nele que nos inspiramos para acrescentar as idéias contidas em suas palavras nas de Jean-Paul Sartre. Elas são estas:

A verdade científica é uma predição, ou melhor, uma pregação. Convocamos os espíritos à convergência, anunciando a nova científica, transmitindo de uma só vez um pensamento e uma experiência, ligando o pensamento à experiência numa verificação: o mundo científico é, pois, nossa verificação. Acima do sujeito, acima do objeto imediato, a ciência moderna se funda sobre o projeto. No pensamento científico a meditação do objeto pelo sujeito toma sempre a forma de projeto.⁸

Em que medida as palavras de Sartre expressam um dilema anteposto entre o que sabemos, o que devemos aprender a saber, o que fazemos para aprender a saber e o que fazemos com o que aprendemos a saber. Com o que, entre ainda estudantes e já professores, descobrimos que ensinamos também o que não sabemos e, então, pesquisamos.

Assim sendo, podemos tomar a idéia escrita de Sartre e esticá-la, se é que isto é necessário. Mas, se for, um alargamento das suas palavras, quando repensadas para as artes e os ofícios que nos unem aqui, ela poderia ficar mais ou menos deste modo:

O essencial não é o que foi feito do homem. O essencial é o que ele faz e não cessa de seguir fazendo com o que fizeram dele. O que fizeram dele são as estruturas e os processos sociais de poder e de posse de bens, de serviços, de sentidos, de valores e dos meios através dos quais ele pode pensar e estabelecer, de maneira livre e solidária, situações de gerar o seu próprio aprendizado e criar o seu próprio pensamento. O que seguem fazendo dele é a reprodução sempre atualizada de estruturas de controle de mentes, de corações e de culturas. São as relações sociais fundadas por e fundadoras de relacionamentos humanos regidos pela desigualdade, pela exclusão, pela subordinação, pelo poder de qualificação de atores sociais e de atribuição desigual de sentido às suas vidas, às suas idéias, às suas ações. São os processos programados de robotização da experiência humana e de conseqüente tolhimento da liberdade, sob a aparência de que nunca houve tanto direito à escolha autônoma⁹. O que fazem dele é o exercício dado por legítimo da violência, e depois a violência, que a violência original do poder e da posse entre desiguais faz existir. O que o homem faz é o que ele cria. O que ele cria são os gestos de quando o coração e o conhecimento geram os saberes de sua condição de pessoa em busca da construção de sua liberdade. Aquilo que passo a passo ele escreve, quando pensa e inscreve, quando age sobre e transforma a sua experiência; a experiência cotidiana, dentro e através da qual as redes e teias de pessoas, que a assumem como uma criação responsável e solidária, constroem e pensam os termos de sua própria história. Toda a pesquisa, em qualquer circunstância, com esta vocação e qualquer que seja o seu domínio de pensamento, não é mais do que um pequeno, efêmero e indispensável momento em tudo isto.

8. Está na pagina 18 de *O novo espírito científico*, editado pela Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro em 1968.

9. Principalmente no que se refere ao número de canais disponíveis nos aparelhos de televisão.

Podemos, finalmente, em nosso caso específico, lembrar que o conhecimento que produzimos deságua, em primeiro lugar, numa comunidade cultural chamada *educação* e, a seguir, nas suas pequenas e insubstituíveis comunidades sociais chamadas escolas, salas de aulas, comunidades aprendentes.

A quem pensa esta vocação comunitária do saber, podemos lembrar, com o carinho de

uma despedida, o velho provérbio chinês já nosso tão conhecido:

Se você faz planos de vida para um ano,
semeie arroz.

Se você faz planos para dez anos,
plante árvores.

Se você pensa planos para cem anos,
edueque o povo.

Referências

- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Plano, 2002.
- BONILLA, Victor et al. Causa popular, ciência popular: uma metodologia do conhecimento científico através da ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues; FALS BORDA, Orlando. **Investigación Participativa**. In: CETRULLO, Ricardo (Org). Montevideo: Instituto Del Hombre/Ediciones de la Banda Oriental, 1985.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- _____. (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- _____. **A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador**. São Paulo: Cortez, 2003. v. 1. 317 p.
- D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Transdisciplinaridade**. São Paulo: Palas Atenía, 1997.
- DE SHUTTER, Antón; YOPO, Boris. Desarrollo y perspectivas de la investigación participativa. in: VERAJANO, Gilberto M. (Org.). **La investigación participativa en América Latina**. Pátzcuaro: CREFAL, 1983.
- DIOCESE DE GOIÁS. **Condições de vida e situação do povo de Goiás** (oito cadernos de pesquisa). Goiânia: Diocese de Goiás/UCCG, s/d.
- FERNANDEZ, Walter; RAJESH, Tandon (eds). **Participatory research and evaluation**. Nova Delhi: Indian Social Institute, 1981.
- FREIRE, Paulo. Criando métodos de pesquisa alternativa. In: Brandão, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- GAJARDO, Marcela. **Pesquisa participante na América Latina**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- GABARRON, Luis Rodrigues; LANDA, Libertad Hernández. Investigación participativa. In **CADERNOS METODOLÓGICOS 10**. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 1994.
- JARA, Oscar. **Para sistematizar experiências**. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 1996.
- _____. **Conocer la realidad para transformala**. San José: ALFORJA, 1991.
- _____. **Investigación participativa: una dimensión integrante de la educación popular**. San José: ALFORJA, 1990.
- MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. Campinas: Papirus, 2000.
- MOSCOVICI, Serge. Society and theory in social psychology. In: ISRAEL, J.; TAJFEL, H. (comps). **The context of social psychology – a critical assessment**. Nova York: Academic Press, 1972.
- OZANIRA, Maria da Silva e Silva. **Refletindo a pesquisa participante**. São Paulo: Cortez, 1991.
- POPPER, Karl Rudolf. **Conhecimento Objetivo**. São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1975.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice** – o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **A crítica da razão indolente** – contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Um discurso sobre a ciência**. 12ª ed. Porto: Afrontamento, 2001.

STREKC, Danilo; BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org). **Pesquisa Participante** – o saber da partilha. Editora Santuário: Aparecida do Norte, 2006.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2002.

WALSH, Roger; VAUGHAN, Frances (Orgs). **Caminhos além do Ego** – uma visão transpessoal. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1999.